
A LOUCURA SOCIAL PRESENTE NO CONTO O VELHO E OS TRÊS MENINOS

Juliana Cristina Ferreira¹

Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades

ISSN-1678-3182

Resumo: O objetivo deste artigo é a partir das leituras de Foucault, analisar a sociedade representada no conto *O Velho e os três meninos*, de Euclides Neto, alicerçada na concepção de marginalização e de rotulação do sujeito visto como louco. A cidade de Ipiaú, utilizada na literatura de Euclides, exprime o momento em que a crise econômica, advinda da decadência do cacau engendra a população e o desemprego acomete todos aqueles que trabalhavam na lavoura cacauzeira. Nesse cenário de busca pela subsistência visamos compreender a maneira como a população, conhecida como a civilização do cacau, perscrutou novas alternativas para conseguir alimentos, perante a destituição do emprego. A metodologia ancora-se na análise bibliográfica, utilizando Foucault (2005), o qual explica que a loucura é uma maneira da classe mais favorecida justificar a exclusão do sujeito que apresenta comportamento dissemelhante às regras sociais. Como lembra Foucault (2008), a classe dominante vigia para punir o sujeito marginalizado, a fim de que ninguém saia dos padrões sociais e venha cometer erros perante a sociedade.

Palavras-chave: A loucura social. *O Velho e os três meninos*. Euclides Neto. Visão foucaultiana.

SOCIAL MADNESS PRESENT IN THE TALE O VELHO E OS TRÊS MENINOS

Abstract: The aim of this article is to use the readings of Foucault in order to analyze the society represented in the story *O Velho e os três meninos*, based on the design of marginalization and labeling of the subject viewed as crazy. The city of Ipiaú, used in Euclid's literature, expresses the moment the economic in which crisis resulting from the decline of the cocoa crop causes unemployment and affects all those who worked with it. In this scenario of search for subsistence, we aim to understand how the population, known as the cocoa civilization sought new alternatives to get food, in order to confront the rampant employment. In an attempt to solve the issues presented by the research, the methodology is based on bibliographical analysis, using Foucault (2005), who explains that madness is a classic way justify the exclusion of the subject whose behavior is different from and goes against accepted social rules features. As Foucault (2008) reminds us, the dominant class punishes the marginalized person, so that no one deviates from accepted social standards and makes mistakes before the society.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, cuja pesquisa é "A configuração do pobre nos romances de Euclides Neto". Mestre em Estudos da Liguagem, pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, com a pesquisa sobre "Exclusão social nas obras *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e *Os magros*, de Euclides Neto".

Keywords: social madness. *O Velho e os três meninos*. Euclides Neto. Vision foucaultiana.

1. A ficção de Euclides e a decadência do cacau

A monocultura do cacau desde 1946 foi a principal fonte de crescimento e desenvolvimento das cidades de Ilhéus, Itabuna, Ipiaú, Beira Rio e fazendas ao redor, pois imigrantes de vários lugares foram para a região em busca de emprego e de uma nova vida. A produtividade do fruto favoreceu também a exportação e contribuiu para o crescimento e desenvolvimento da região. Segundo Rocha (2006), a produção cacauzeira gerou lucros e riquezas ao Sul da Bahia e propiciou o crescimento da região.

Nesse quadro histórico, a literatura do cacau ocupou destaque na história do Brasil, não só devido à riqueza temática representada nas narrativas, mas também pela predominância do cultivo desse fruto, que inspirou escritores como Euclides Neto a ficcionalizar os aspectos particulares, religiosos e culturais da região, marcando o regionalismo brasileiro do cacau. Como pondera Cardoso (2006), a literatura do cacau tem sido um espaço para o registro e a propagação de um período histórico, representando a realidade e a identidade de um povo que viveu nos tempos da monocultura do fruto de ouro².

Dessa maneira, compreendemos que a representação literária configurada na história da produtividade cacauzeira, expõe o pensamento presente no universo social ficcional, que se origina de componentes identitários próprios, conforme Lopes (2011), que revelam uma formação societária peculiar da localidade do cultivo do cacau sul-baiano.

Adonias Filho (1978) explica que a região sul-baiana, desde quando começou a ser habitada pelos desbravadores/colonos, sofreu um desmatamento da floresta para que os colonos plantassem as sementes de cacau, já que a tentativa de plantio no Pará não havia rendido lavoura. Em virtude do clima mais úmido, as terras baianas

² O cacau foi chamado de fruto de ouro por gerar riquezas à região sul-baiana.

foram favoráveis ao cultivo, iniciando-se assim a civilização do cacau. O resultado alcançado foi o progresso cultural com a expansão do produto na região. Todavia, com a falta de cuidados por parte dos fazendeiros e proprietários cacauicultores, o fruto veio a declinar a partir dos anos de 1950 e concretizou-se nos anos de 1980.

Vivendo nesse cenário de derrocamento do fruto de ouro, Euclides Neto³ conseguiu representar as lutas de classes nas terras cacauceiras no período em que o plantio já não rendia lucros, pois havia entrado em decadência devido à falta de cuidados com a lavoura por parte dos fazendeiros produtores de cacau. O autor buscou elementos do real, acerca do período histórico da região, principalmente no aspecto da exploração do trabalhador, e almejou dar voz aos excluídos e marginalizados na sociedade por meio de seus textos literários.

Focalizando especificamente a década de 1980, período em que a produção cacauceira entrou em declínio, Euclides conglutinou fatos da realidade e os ficcionalizou, representando o desemprego, uma vez que a maioria dos moradores da região trabalhava nas fazendas de cacau. Com a queda da produção, Lurdes Bertol Rocha (2006) documenta que a população sofreu com o derrocamento do cultivo cacauceiro e após o ataque da praga chamada *vassoura de bruxa*⁴, os frutos ficaram com aspecto enferrujado e as árvores secas.

A narrativa de Euclides faz uma representação da região no período da queda da produção do cacau, o que influenciou no comportamento das personagens moradoras de Ipiaú, as quais precisaram buscar novas alternativas de sobrevivência. Essa busca pela subsistência resultou na loucura social, uma expressão usada pelo filósofo e historiador Foucault (1926-1984), o qual escreveu sobre a insanidade social advindo do comportamento diferente do sujeito na sociedade.

2. Compreendendo a loucura na visão de Foucault

Compreendida como uma desordem social, o conceito da loucura, de acordo com Michel Foucault (1926-1984), o qual abordou a concepção na Idade Média em

³ Escritor baiano, político e militante de esquerda, nasceu em 1925 e morreu em 2000, nas terras cacauceiras da região Sul da Bahia.

⁴ Uma espécie de fungo, cujo nome científico é *Moniliophthora perniciosa*, que causa doença nos cacauceiros, ocasionando queda acentuada na produção, seguido de morte da árvore, como afirma Rocha (2006).

que o excluído era o leproso e esse deveria ter um local adequado para que pudesse ser internado até que estivesse curado. E no fim dessa mesma época (Idade Média), os excluídos passaram a ser aqueles considerados loucos, bruxos, feiticeiros, assim como todos os demais que eram vistos como “fora de ordem”. Contudo, neste artigo utilizaremos o conceito de louco na sociedade moderna, que é o desvairado, libertino, que pensa e age diferente da sociedade. Buscaremos compreender que a loucura perpassa a história humana, não como um objeto natural do saber, mas entendida como a criação do próprio ser humano como justificativa para excluir aquele sujeito que não segue aos padrões sociais.

Nesse sentido, compreendemos a loucura como a relação entre o poder, o conhecimento e a maneira como ambos são usados para o controle do comportamento humano na sociedade. As práticas comportamentais do sujeito que não segue a norma social, são compreendidas como uma loucura, a qual faz o indivíduo fugir da ordem social, resultando em comportamento incomum, que não corresponde aos padrões do meio em que vive.

Foucault mostra a loucura como uma descontinuidade, uma ruptura social, em que o louco é compreendido como aquele que foge dos padrões impostos pelo discurso da classe mais favorecida. Ao abordar a questão do discurso, Cleudemar Fernandes (2010) nos lembra como a interpretação do ser humano em relação a mensagem, o texto, a ideologia, as crenças e valores construídos socialmente podem ser percebidos tanto na fala como nas práticas em sociedade.

Na tentativa de buscar novas possibilidades para sobreviver às desigualdades sociais, o louco é aquele que procura alternativas para sua subsistência, transgredindo assim os discursos do certo e do errado, ambos materializados em forma de normas e paradigmas sociais. Nesse sentido, Foucault (2005) destaca a loucura por meio do comportamento que foge às normas sociais, o que resulta na marginalização e exclusão do sujeito na sociedade.

A história da loucura (originalmente publicado em 1961 sob o título *Folie et Déraison: Histoire de la folie à l'âge classique*) estabelece uma visão de que não existe, propriamente, um diagnóstico clínico da loucura, mas uma repressão da sociedade, uma vez que a insanidade é deduzida pela argumentação, na qual a percepção e o conhecimento se juntam a partir do comportamento discordante do sujeito. Segundo Providello e Yasui (2013), Foucault não buscou conceituar a loucura

ou falar pelo louco, mas compreender a lógica social que exclui aquele que é visto como diferente.

Corbanezi (2009), ao referir-se à loucura caracterizada por Foucault, comenta que o sujeito que aparece como um estrangeiro tanto na razão moral como na concepção social é evidenciado como louco. No caso da pessoa desassisada, ela é julgada pela sociedade como o elemento diferente, aquele indivíduo que traz desordem ao meio em que vive, que é um libertino por recusar-se a seguir os padrões, dogmas e crenças impostos pela sociedade.

Buscaremos compreender o conceito de loucura compreendido a partir do comportamento díspar em relação aos arquétipos sociais, por meio da leitura e análise do conto *O Velho e os três meninos*, da obra *O tempo é chegado* (2001), de Euclides Neto, para assimilarmos os estereótipos sociais originados a partir dos comportamentos das personagens perante a fome e ao desemprego.

3. A perspectiva da loucura no conto *O velho e os três meninos*

O universo literário utiliza elementos do real para representá-los nas narrativas e o conceito de loucura, comenta Ketzer (2013), é compreendido na literatura como uma maneira de representação da exclusão daquele que não tem voz em outros espaços. Assim, a literatura também pode ser vista como um meio para expressar as angústias daquele sujeito marginalizado socialmente.

Nesse sentido, o conto *O Velho e os três meninos* (2001) mostra a literatura como um viés para dar voz ao excluído e marginalizado pela sociedade. A história mostra três crianças, filhos de um trabalhador que foi destituído de seu trabalho no período da decadência do cacau. Na busca pela subsistência, os três meninos foram instruídos pelo pai a levarem para casa o que encontrassem na rua, seja por meio de achados ou por assaltos, pois a fome circundava aqueles que estavam desempregados e sem condições financeiras para comprarem alimentos. A cidade de Ipiáú, naquele momento, sofria com a onda de desempregados, advindos da decadência do fruto de ouro. A personagem Jeremias, um professor aposentado, ao perceber que sua casa estava sendo invadida, pegou sua arma e escondeu-se atrás da cortina, porém, quando percebeu que eram crianças que invadiram em busca de alimento, fingiu não ter ninguém e deixou os meninos assaltarem a geladeira.

Com a destituição do trabalhador, era impossível pensar em trabalhar nas plantações, segundo a voz narrativa: “roça de cacau? Começava a amarelar as folhas, que iam caindo. Restavam talos e galhos secos, os troncos fofos, terra rachada, raízes mortas”, continua o narrador, “os fazendeiros não tinham mais com o que fazer dinheiro” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 123). Sem emprego e sem dinheiro, os filhos daqueles que estavam desempregados, aprenderam a assaltar ou a levar para casa o que encontrassem na rua e que pudesse ser vendido para obter dinheiro para o sustento.

Com o grande número de desemprego, segundo a voz narrativa, “surgiu outra classe. A dos que instruíam os meninos a roubar rádios, aparelhos eletrônicos, o que achassem. Pagavam pouco, mas algum dinheiro é melhor que nada” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 124). Essa outra classe que surgia, era marginalizada, vista como a classe dos loucos, por transgredirem as regras sociais. Para Foucault (2005, p. 14), “a loucura e o louco tornam-se personagens maiores em sua ambiguidade: ameaça e irrisão, vertiginoso desatino do mundo e medíocre ridículo dos homens”. A loucura está na ação, a qual deslinda-se das normas impostas pela sociedade, mesmo se for por questão de sobrevivência, como representa a narrativa.

A característica social de Ipiaú, que antes era conhecida pela monocultura cacaueteira, fez com que inúmeros imigrantes fossem para a região, na busca de empregos nas fazendas produtoras de cacau. Todavia, com a eversão do fruto de ouro, a sociedade apresentava mudanças, comenta o narrador que “na rabada, as demissões dos trabalhadores continuavam aos magotes. Famílias inteiras nas estradas, nas pontas de rua, nos casebres improvisados com que achavam nos monturos”, (EUCLIDES NETO, 2001, p. 123), o plantio tornava-se inexecutável ao trabalho e os agregados precisaram buscar outras alternativas para garantirem a subsistência de suas famílias.

Com o grande número de desempregados, era improbo ficar parado, comenta a voz narrativa ao afirmar que “o crime ronda a fome” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 124). Numa tentativa de sobrevivência, aqueles que estão passando por período de inópcia e sem alternativas para saná-la, começaram a ter comportamentos rotulados como infames, que sobrepujam as regras impostas pela sociedade, comenta Foucault (2005), que são configuradas e sancionadas pela classe mais favorecida, pois esta preocupa-se em proteger seus bens intangíveis.

Perante o comportamento discrepante por buscar meios de sobreviver à fome, surgem os estereótipos e a voz narrativa afirma que “dos que ganharam as ruas, onde passaram a morar, nasceram os mais perigosos. Crianças ladinas, logo escorraçadas pela polícia, com a aprovação da fina flor da sociedade” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 124). É explícito que a “fina flor da sociedade”, ou seja, a classe mais favorecida, nomeava as crianças como perigosas e criminosas. A punição, advinda da aprovação da camada mais favorecida, era uma maneira de tentar manter a ordem, uma vez que roubar é considerado uma prática fora dos preceitos sociais. Quanto às agressões físicas que a sociedade praticava com as crianças, ao escorraçá-las, segundo Foucault (2005), era justificada da seguinte maneira: o louco só é dominado com a domesticação, pois o ato insano é uma animalidade desenfreada e a punição é a arte de curar o sestro.

Desse modo, o internato para as crianças era justificado, comenta Foucault (2005, p. 60), como “num indissociável equívoco, a título de benefício e a título de punição. E ao mesmo tempo recompensa e castigo, conforme o valor moral daqueles sobre quem é imposto”. A classe dominante era a favor do internamento de cidadãos que fugissem aos paradigmas e acreditava que o castigo era uma maneira de manter a moral do sujeito. Nesse sentido, podemos perceber que a literatura euclidiana busca mostrar a injustiça que os menos favorecidos socialmente sofriam, devido à falta de alimento e por questão de sobrevivência, nos tempos do derrocamento do fruto de ouro.

As desigualdades sociais são explicadas pela sociedade, segundo Foucault (2005), através de conceitos religiosos, econômicos, políticos, sociais e morais, em que a miséria existe como castigo para o sujeito que precisa compreender que a sociedade possui regras que devem ser cumpridas e o não cumprimento pode fazer com que o sujeito ou o louco receba as punições.

Logo, a loucura é vista como uma ameaça à organização, afirma Foucault (2005, p. 138), pois “[...] entra em cumplicidade com o mal a fim de multiplicá-lo”. Como forma de buscar manter a ordem social, a narrativa de Euclides mostra claramente a violência social que os menos favorecidos sofriam por tentarem buscar possibilidades para sanar a fome e dessa maneira, a voz narrativa demonstra que os meninos

iam presos, soltos, encarcerados novamente. Espancados, torturados. Vieram as matanças. Se Herodes⁵ fosse o delegado, talvez não houvesse tanto sangue derramado dos pivetes. Era a única maneira de vencer a praga invasora, dominando a cidade – calungas que se reproduziam aos milhares e, quanto mais eram eliminados, mais apareciam das profundas (EUCLIDES NETO, 2001, p. 124).

Para combater os roubos, a polícia prendia, torturava e até matava as crianças moradoras de rua, que roubavam comida em busca de sobrevivência, pois a classe mais favorecida economicamente pensava que essa era a única maneira de deter “os loucos”, ou seja, as crianças menos favorecidas. A punição a uma prática de conduta considerada criminosa é uma maneira da sociedade mostrar a “verdade”. Para Foucault, em sua obra *Vigiar e punir* (2008), o interesse das classes média e alta é de proteger seus bens e por isso apoiavam a prisão e a punição daqueles que não seguiam aos paradigmas sociais. A pena de prisão não é só o ato de encarcerar, mas há uma técnica disciplinadora para ter o controle sobre o comportamento do outro.

Nesse sentido de punição, a voz narrativa diz que na sociedade “[...] organizou-se uma associação de cidadãos encarregados de apanhar os delinquentes mirins e levá-los à delegacia, já entupida deles” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 124). Os chamados delinquentes são aqueles que violavam às leis morais e institucionais. Na concepção de Foucault (2008), a função de vigiar é para manter a ordem para que esta não provoque danos sociais. Por outro lado, para evitar a punição é preciso comportar-se de acordo com a demanda social, cumprir seus deveres, pois, os papéis punitivos e discriminatórios, mostram que o vigor é daquele que tem mais poder aquisitivo. A finalidade da punição é para o sujeito autovigiar-se para não ser escarmentado perante ao meio em que vive, uma vez que, a sociedade vigia para oprimir. Nesse aspecto, a organização dos moradores, representada pela voz narrativa, mostra a classe mais favorecida querendo proteger seus bens e, por isso, achava-se no direito de apanhar as crianças de rua e levá-las à delegacia.

Foucault (2008) apresenta como a sociedade manipula as situações e pessoas em favor da classe dominante. A punição física e as torturas geram um grande mal-estar àqueles que estão padecendo por não cumprirem as regras sociais. Para encaixar o cidadão dentro do contexto social, é preciso manter a ordem estabelecida

⁵ Ao mencionar Hérode, a voz narrativa, leva-nos a pensar a respeito de Jesus, que foi crucificado, por ser considerado um transgressor das ordens sociais, por pensar e se comportar diferente, além de defender os oprimidos.

por aquele que possui mais poder aquisitivo. Por isso, é necessário, no discurso dominante, que a pessoa seja instruída para viver no meio social. Assim, segundo o narrador, “aos homens restava a reprimenda: - Vai procurar serviço!”, porém, as angústias dos desempregados martirizavam suas mentes e eles pensavam: “onde encontrá-lo, se em algumas fazendas não restava mais ninguém?” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 124). A sociedade é tão repressora que, mesmo vendo que a maioria das fazendas cacauicultoras haviam sido abandonadas por seus proprietários, devido à decadência do cacau, e mesmo perante ao grande número de desempregados, exigia que estes procurassem emprego, pois, de acordo com a classe dominante, pondera Foucault (2005), o trabalho é sinônimo de ocupação da mente e do corpo.

Ainda sobre a pobreza e o desemprego, na concepção de Foucault (2005), em relação ao discurso da classe dominante, são resultados do descontentamento do Senhor, pois esta traz um sinal de maldição. Assim como a miséria traz desordem ao meio social, a caridade, por tentar suprimi-la, também causa indisciplina, uma vez que, torna-se um obstáculo à ordem social, por dar coragem ao pobre de lutar por sua sobrevivência. A miséria é um castigo intemporal, uma culpabilidade e não uma dialética entre a humilhação e a glória.

Nesse cenário, o desemprego, de acordo com o narrador, era percebido porque via-se “[...] as levas de gente se batendo, velhos, doentes, zanzando como lixo, tangidos pelo vento da miséria. [...] era fome parda e suja” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 123). Desempregada, a maioria da população perambulava pelas ruas faminta na (des)_esperança de encontrar uma solução, um emprego ou simplesmente comida. A violência das pessoas de se baterem nas ruas, como mostra a voz narrativa, advém do desespero de não conseguir trabalhar para garantir o sustento de si e de sua família. Essa violência é vista como a loucura social, e para manter a ordem e evitar a insensatez, o cárcere e a polícia são concebidos como uma forma de edificação de uma cidade perfeita. Comenta Foucault (2008) que o internamento funciona como um mecanismo de limpeza social daqueles que são considerados loucos, baderneiros. Dessa maneira, compreendemos que no discurso da classe mais favorecida, o internamento ou cárcere é uma forma de repressão.

Dentro desse pensamento da classe dominante em manter a ordem social de elidir o sujeito que comete desvio comportamental, o conto também mostra, que há pessoas que pensam diferente, como a personagem Jeremias, um professor

aposentado que ao ver sua residência invadida por menores moradores de rua, que segundo o narrador, eram “comandados por um de cinco anos” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 127), o professor não teve coragem de denunciá-los. Se escondeu atrás da cortina para que os meninos pudessem se alimentar direito, pois, não sabia quando aquelas crianças teriam a próxima refeição.

A atitude de Jeremias em deixar as crianças assaltarem a geladeira, também impugnava a sociedade, pois apoiava a balbúrdia que Ipiaú passava naquele momento de declínio do fruto de ouro, que segundo a voz narrativa, os três meninos que ainda estavam soltos “eram o terror da cidade” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 127). O ato das crianças buscarem alternativas para sanarem a fome é visto pela sociedade como um “terror”, sendo que essas crianças não tinham condição financeira para garantirem seus próprios sustentos e, por isso, buscavam possibilidades de conseguirem alimentos através de roubos.

Assim, compreendemos que a literatura de Euclides, conforme Cesar (2003), serve como uma denúncia da desigualdade social sofrida na região Sul da Bahia, nos tempos do derrocamento do cacau. Dialogar as lutas de classes com a loucura representadas na narrativa de Euclides e a exclusão apresentada por Foucault (2005), é uma maneira de darmos voz aos excluídos e marginalizados da sociedade, que receberam punições como cárceres e agressões, simplesmente por buscarem subsistir a fome no momento do desemprego.

Considerações Finais

No decorrer da análise do conto *O Velho e os três meninos*, percebemos que a desigualdade social gera o que Foucault (2005) chama de loucura, pois, partindo da disparidade econômica social em que uns possuem muitos bens intangíveis e outros não, percebemos que esse desequilíbrio provoca comportamentos incomuns ao sujeito menos favorecido, que foge às ordens sociais ou às regras impostas pela classe dominante, a qual deseja proteger os seus bens. Tais comportamentos considerados discrepantes são percebidos no conto no momento em que as crianças tomam as ruas de Ipiaú e começam a assaltar alimentos ou objetos eletrônicos que possuem algum valor.

Nesse sentido, Euclides Neto consegue apresentar as vicissitudes que sofrem as personagens, que foram destituídas de seus trabalhos à medida que o processo socioeconômico influencia diretamente a vida social de Ipiáu, tanto individual como coletiva, sobretudo na época auspiciosa do cacau e seus reflexos no tempo presente. Essas mudanças comportamentais sofridas pelas personagens trabalhadoras podem ser percebidas quando após ficarem desempregadas e precisarem buscar alternativas para sobreviverem a crise do cacau frente a falta de oportunidades de empregos, passaram a roubar alimentos ou objetos de valor, na tentativa de mitigar a fome que as assolavam.

Em razão aos contextos sociais reais que se nutrem na narrativa, é possível perceber as personagens perambulando entre o real e o imaginário, uma vez que Euclides Neto faz a representação da realidade em seus textos literários e mostra as desigualdades sociais e o discurso da classe dominante na busca para manter a ordem social. A característica principal do conto é apontar as mazelas sofridas pela classe oprimida e que agora sofria com o desemprego. E, nesse cenário, vemos a sociedade mergulhada na pobreza e na loucura advindas da crise da produtividade do cacau, o qual foi por muitos anos motivo de desenvolvimento e enriquecimento da região.

Dessa maneira, os cidadãos que fogem das ordens sociais impostas pela classe dominante são compreendidos como loucos e, ao praticarem atrocidades, são excluídos do meio social e nomeados como marginais, perigosos. Nesse sentido, buscamos explicar os pressupostos e preconceitos que estão presentes no âmbito social e que fazem parte do que as pessoas acreditam ser factível ao momento, ou seja, as normas são impostas pela sociedade mais favorecida, para que haja harmonia gregária.

A desordem gerada por comportamentos considerados transgressores na vivência coletiva, é uma maneira de mostrar a crise social, uma vez que, o sujeito que não cumpre com os paradigmas governamentais, passa a ser banido da sociedade. Assim, a loucura advinda de um comportamento contraventor, não é compreendida como um fator biológico e sim social, pois o conceito de loucura é apreendido através da desobediência comportamental no espaço em que o ser humano vive coletivamente.

A literatura de Euclides representa o fato da loucura estar presente na natureza humana, pois esta existe a partir das desigualdades sociais coabitadas na cultura. Todas as personagens que fogem aos preceitos impostos pela sociedade são consideradas loucas, marginais e são excluídas e empurradas para margem. Nesse aspecto compreendemos a insanidade como uma verdade insignificante, considerada uma perversão às leis da razão.

Oposta a razão, a loucura é silenciada a partir do ponto de vista social, pois o louco é ignorado, excluído do meio social. Para justificar o ato excludente dos sujeitos insanos, as prisões foram construídas. Foucault (2008) mostra que a prisão existe como forma de confinamento para aqueles que estão transviados do que é o certo. Nesse trajeto, a loucura é vigiada para ser enclausurada pela razão, por isso há a necessidade das prisões.

Ao falar das prisões, o conto apresenta as crianças sendo levadas para os cárceres como forma de proteger a população dos loucos. Todavia, as crianças não podem falar, pois são silenciadas pelo monólogo da razão. Dessa maneira, as crianças são excluídas e silenciadas na sociedade, como se não tivessem razão em buscar subsistirem à fome e à miséria. Assim, compreendemos que o sujeito menos favorecido não possui voz na sociedade, mas a literatura busca mostrar que ele existe e que é um ser em busca de sobrevivência na sociedade excludente, na qual predomina a desigualdade social. A narrativa de Euclides apresenta a população tendo autoridade de pegar as crianças que estavam nas ruas cometendo os assaltos e levá-las à prisão.

Como percebemos, a exclusão existe no meio social, tudo o que é considerado discrepante é excluído e empurrado para a margem, o que explica a loucura social. A ordem da experiência da loucura faz com que ocorram punições para disciplinar comportamentos divergentes aos padrões da sociedade. Assim, compreendemos que no momento em que a personagem Jeremias prefere deixar os meninos à vontade para assaltarem a geladeira de sua residência a entregá-los a polícia, é de certa forma, uma loucura, pois foge as regras impostas pela sociedade. É, também, compreendida como a voz de Euclides, militante de esquerda, que sempre apoiou o trabalhador e o oprimido. Nesse momento, os oprimidos eram crianças a procura de alimentos.

Punir aquele que possui um comportamento diferente manifesta-se através do descontentamento da ordem social e do discurso classista. A loucura sustenta o

discurso de que há opressão social sobre os menos favorecidos ou que se comportam diferente dos paradigmas da sociedade. É uma espécie de inquietude do sujeito perante as dificuldades ou injustiças que há na sociedade, devido ao poder aquisitivo que uns têm e outros não.

Referências

ADONIAS FILHO. *Sul da Bahia: chão de cacau*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1978.

CARDOSO, J. B. *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade*. Ilhéus: Editus, 2006.

CESAR, E. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus, Bahia: Editus, 2003.

CORBANEZI, E. R. *Sobre a razão do Mesmo que enuncia a não-razão do Outro: às voltas com a História da Loucura e o Alienista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

EUCLIDES NETO. “O Velho e os três meninos”. In:_____. *O tempo é chegado*. Ilhéus: Editus, 2001.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Paulo: Clara Luz, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LOPES, A. R. *Civilização e barbárie na sociedade do cacau: uma análise sociológica da narrativa literária sul baiana*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, UFBA, 2011.

KETZER, E. de N. *Por uma desmedida literária: O conceito de loucura na literatura brasileira até a primeira metade do século XX.*>Disponível em: ><http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/comunicacao-24.pdf>, 2013.

PROVIDELLO, G. G. D.; YASUI, S. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. *História, ciência e saúde*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1515-1529, out/dez, 2013.

ROCHA, L. B. *A região cacauzeira da Bahia: uma abordagem fenomenológica*. Aracaju, SE: UFS/POSGRAD, 2008.